

A LINGUAGEM DO REGGAE MARANHENSE NA CONSTITUIÇÃO DO PATRIMÔNIO GALEGO-PORTUGUÊS

Georgiana Márcia Oliveira Santos¹

Resumo: O presente trabalho — recorte da nossa dissertação de Mestrado em Linguística/UFC — descreve e analisa, sob uma perspectiva socioterminológica, o léxico do *reggae* enquanto gênero musical, movimento artístico-cultural e atividade socioeconômica maranhense. Por registrar as especificidades do léxico de um grupo com a importância sociocultural que o *reggae* representa para o Maranhão e por ter resultado na elaboração de um glossário socioterminológico do *reggae* ludovicense, com vistas a contribuir para a visibilidade, valorização e preservação dessa variedade regional maranhense, este trabalho está entre as obras do acervo maranhense de estudos lexicais de natureza dialetológica que embasam a análise do Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português, realizado em regime de colaboração entre a Universidade de Santiago de Compostela e a Universidade Federal do Maranhão. Para a produção desse trabalho, analisamos um *corpus* de língua falada, constituído de 22 (vinte e duas) entrevistas, ao todo, realizadas com pessoas pertencentes a segmentos que compõem a estrutura do *reggae*, atualmente, na capital maranhense: apresentadores de programas de rádio e de TV, cantores, colecionadores, dançarinos, empresários, investidores, radioleiros, *DJs*, produtores musicais, promotores de festas e de eventos. O glossário socioterminológico do *reggae* ludovicense completo é composto por 115 unidades terminológicas distribuídas, em ordem alfabética, nos seguintes campos conceituais: música, tratamento, equipamento, processo e/ou ação, dança, vestuário, penteado, espaço, evento, alucinógeno. Dessa forma, este estudo colabora para a concretização de um dos principais objetivos do Projeto Tesouro — integrar, em uma única base de dados, materiais lexicográficos do universo galego-português, procedentes de diferentes fontes — contribuindo, assim, com os dados fornecidos sobre as particularidades lexicais do universo do *reggae* maranhense, tanto para a ampliação da base informatizada do Tesouro quanto para uma visibilidade de maior alcance dessa variedade maranhense, o que poderá desencadear, entre outros, estudos valiosos feitos a partir da comparação lexical entre diversas áreas.

Palavras-chave: Glossário. Projeto Tesouro Galego-Português. *Reggae*.

Introdução

Em toda e qualquer área em que se dá a interação humana, seja ela científica, tecnológica ou cultural, é latente a necessidade que homens e mulheres têm de (re)nomear conceitos e/ou de (re)conceptualizar denominações, dadas as novas e renovadas situações de intercâmbio que vivenciam em razão de diferentes propósitos comunicativos, perfis de interlocutores, condições de tempo e espaço.

Esse ininterrupto processo de (re)nomeação e/ou de (re)conceptualização (re)delineia constantemente o léxico de uma língua, sistema em constante expansão — que pode ter um uso comum, geral, ou adquirir usos muito específicos — caracterizado por um fluxo permanente de formação e de renovação de suas partes constitutivas, consequência das diversificadas experiências científicas, tecnológicas ou culturais que o ser humano vai construindo no mundo.

A dinâmica (re)constituição do léxico de uma língua em uso especializado, por exemplo,

¹ Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão/UFMA e professora pesquisadora do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão/ALiMA. Email: gsantos_23@yahoo.com.br

pode ser observada, em São Luís – MA, no ambiente discursivo do *reggae* — gênero musical jamaicano que conquistou, no Maranhão, espaço notável entre as manifestações artístico-culturais mais tradicionais, bem como entre as atividades socioeconômicas mais vitais do Estado.

Nesse contexto, insere-se o presente trabalho que tem como objetivo principal apresentar a terminologia do *reggae* em São Luís/MA, bem como alguns dos fatores que condicionam a ocorrência de variação nessa terminologia, a partir da análise do glossário socioterminológico do *reggae* ludovicense² e, conseqüentemente, fornecer subsídios para a ampliação da base informatizada do Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português.

A terminologia do *reggae* ludovicense

As pesquisas que, inicialmente, realizamos como integrante da equipe de pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA, desde 2000, depois como aluna do Mestrado em Linguística, da Universidade Federal do Ceará – UFC (2007-2009), bem como as experiências que adquirimos como membro da Comissão Integrada do *Reggae* – CIR, desde 2006, permitiram-nos perceber que a importância do *reggae* como gênero musical, movimento social, manifestação artístico-cultural e como atividade socioeconômica, no Maranhão, se confirma, ainda, pela linguagem gerada pelos regueiros ludovicenses em razão das relações que mantêm.

Nesse sentido, importa-nos enfatizar que, ao longo desses anos de investigação sobre as especificidades linguísticas do *reggae* em São Luís, percebemos que a multiplicidade de papéis, atividades e envolvimento que o *reggae* promoveu/promove em diferentes momentos e espaços, em São Luís, poderiam ser responsáveis pelo desenvolvimento de especificidades linguísticas que constituíram a terminologia do *reggae* ludovicense, uma vez que essas especificidades linguísticas foram adquirindo determinadas características temáticas, propósitos pragmáticos e condições específicas de uso para atender às necessidades sociointeracionais dos regueiros na capital maranhense.

O movimento foi crescendo, diálogos, eh..., gírias, eh..., buscamos colegas com colegas, e..., vamos ver..., entrosamento de regueiros com regueiros, troca... trocando idéias, aí foi surgindo esse... esse linguajar (...), sem dúvida nenhuma, isso foi do próprio movimento *reggae*, no dia-a-dia, no bate-papo com a galera, com o regueiro, com o radialista, com o dançarino, com o proprietário de radiola, com o proprietário de clube. (B. M. O./ dan./ 1f).³

Essa terminologia possibilita-nos constatar que, de fato, a dinâmica da língua, em uso especializado, manifesta-se especialmente no plano do léxico e é explicitada, sobretudo, pelo fenômeno da variação linguística. No caso da terminologia do *reggae* ludovicense, essa

2 O glossário socioterminológico do *reggae* ludovicense foi elaborado por ocasião da realização da nossa dissertação, intitulada *A terminologia do reggae ludovicense: uma abordagem socioterminológica* (Santos 2009). Esse glossário é composto por 115 unidades terminológicas distribuídas, em ordem alfabética, nos seguintes campos conceituais: música, tratamento, equipamento, processo e/ou ação, dança, vestuário, penteado, espaço, evento, alucinógeno. Para tanto, à luz dos estudos da Socioterminologia, analisamos um *corpus* de língua falada, constituído de 22 (vinte e duas) entrevistas realizadas com pessoas pertencentes a segmentos que compõem a estrutura do *reggae*, atualmente, na capital maranhense, a saber: apresentadores de programas de rádio e de TV, cantores, colecionadores, dançarinos, empresários, investidores, radiotelevisores, DJs, produtores musicais, promotores de festas e de eventos.

3 Com o objetivo de favorecer a identificação e a análise dos fatores que condicionam a variação na terminologia do *reggae* em São Luís usamos, nos trechos retirados das entrevistas que fizemos, as iniciais do nome do informante, seguidas de siglas ou abreviaturas que indicam a função do informante no *reggae* e por último a fase do *reggae* a qual ele pertence.

dinâmica é constatada pela expressiva quantidade de variantes denominativas e conceituais que compõem essa terminologia na tentativa de recobrir tudo aquilo que emerge das diversificadas situações de interação vivenciadas pelos regueiros ludovicenses.

A variação na terminologia do reggae ludovicense

Sabemos que, na realidade, são muitos, diversificados e, por vezes, complexos, os fatores que podem condicionar a ocorrência tanto de variantes denominativas quanto de variantes conceituais em uma dada terminologia. Para Faulstich (1995, p. 285), por exemplo, um estudo de variantes terminológicas precisa levar “em conta os contextos social, situacional, espacial e lingüístico em que os termos circulam.”

Trabalhamos, nesse sentido, com a hipótese principal de que as variantes denominativas e/ou conceituais ocorrentes na terminologia do *reggae* em São Luís devem-se, sobretudo, ao *fator temporal*, uma vez que visualizamos, até o momento, duas distintas fases do *reggae* ludovicense: uma *fase*, que denominamos *inicial* ou *primeira fase*, referente, aproximadamente, à segunda metade da década de 1970, à década de 1980 e a meados da década de 1990 do século XX, fortemente marcada pela influência do gênero musical *reggae* produzido, principalmente, na Jamaica e em Londres; e outra fase, que denominamos atual ou segunda fase, correspondente ao final da última década do século XX e à primeira do século XXI – 1990/2000, caracterizada pela acentuação das produções maranhenses eletrônicas de *reggae*, chamadas, popularmente, de *reggaes* eletrônicos e pela revelação de cantores-solo maranhenses.

Dessa forma, faz-se necessário esclarecermos, nesse momento, que as variantes concorrentes são

aquelas que podem concorrer entre si, ou que podem concorrer para a mudança [...]. As concorrentes são variantes formais. A variante formal é uma forma lingüística ou forma exclusiva de registro que corresponde a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente, podendo concorrer num contexto determinado. Classificam-se em variantes terminológicas lingüísticas e variantes terminológicas de registro. (FAULSTICH, 1999, p. 97).

É oportuno aclararmos, também, que Faulstich (1997, p. 01) atribui, em uma outra proposta, uma classificação específica às variantes concorrentes ou formais, subdividindo-as em variantes lingüísticas — em que o fenômeno propriamente lingüístico determina o processo de variação — e variantes de registro — em que fatores decorrentes do ambiente de ocorrência ocasionam a variação no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se dão os usos lingüísticos. Entre as variantes de registro, importa ressaltarmos que a

Variante terminológica temporal, [é] aquela que se configura como preferida no processo de variação e de mudança, em que duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo, até que uma se fixe como forma preferida. Por exemplo, o termo já em desuso, da área de biologia, macrogameta, que foi substituído por gameta masculino, assim como microgameta que cedeu lugar para gameta feminino. (FAULSTICH, 1997, p. 04). (grifos originais).

Tomando por base o anteriormente exposto, constatamos, quando da realização das entrevistas, que várias ocorrências de uso da terminologia do *reggae* ludovicense confirmam a nossa hipótese principal, isto é, a ocorrência de variantes denominativas e conceituais na terminologia do *reggae* ludovicense está condicionada à questão temporal, ou seja, decorrem principalmente da interferência de fatores cronológicos.

Assim, comparando os usos da terminologia em questão nos dois grupos controlados — a) 18-35 anos – 2ª fase do *reggae* – 2f (1990/2000) e b) 40-70 anos – 1ª fase do *reggae* – 1f (1970/1980/1990) — constatamos que, de fato, variantes terminológicas emergiram das influências do fator temporal: “A gente chama pedra, hoje, também de torpedo.” (J. B. C. J./ DJ/ 2f); “Aí, antigamente tinha (inint.) eh..., tijolo, essas coisa, vou tocar uma tijolada. Aqui, até botaram o apelido de Carlinhos, Tijolada, porque ele gostava muito de falar isso, mas a pedra mesmo foi que consagrou (...) pedra de resposta.” (B. A./ col./ 1f).

Os exemplos acima citados, entre tantos outros ocorridos, evidenciam que, ao longo dos anos, muitas variantes terminológicas do *reggae* ludovicense surgiram em função da necessidade de (re)nomear conceitos e/ou (re)conceitualizar denominações que emergiram das situações de interação instauradas pelas fases que constituem o *reggae* em São Luís. Situações essas que envolvem novos e antigos papéis, atividades e funções, desempenhados por novos e antigos usuários dessa terminologia.

De forma geral, podemos dizer que a maioria dos trechos retirados das falas dos entrevistados atesta que as variantes regueiras identificadas decorrem, sobremaneira, de fatores temporais, ou seja, atesta que pelo menos duas variantes do *reggae*, em São Luís, concorrem por um tempo — como acontece no momento, por exemplo, com *pedra* e *torpedo* — até que uma se fixe como unidade terminológica — como aconteceu, por exemplo, com *pedra* e *tijolo*.

O que acontece, como pudemos perceber, é que os conceitos que emergem, com o tempo, tanto das novas experiências quanto das experiências em algum aspecto renovadas no/pelo *reggae* em São Luís, precisam ir sendo, inevitável e necessariamente, (re)nomeados.

Ainda tomando por base o fator temporal, investigamos, nesta pesquisa, a ocorrência de variantes conceituais na terminologia do *reggae* ludovicense. Por falta de orientações metodológicas especificamente desenvolvidas, no âmbito da Socioterminologia, para o tratamento das variantes de natureza conceitual, usamos, por extensão e ocasionalmente, algumas orientações fornecidas por Fausltich (1995, 1997, 1999) — explicitamente restritas à sistematização das variantes denominativas — também para as variantes conceituais identificadas na terminologia do *reggae* ludovicense, oriundas dos processos de polissemia e de homonímia.

Assim sendo, entre os casos de polissemia — processo que ocorre quando uma unidade de um dado campo conceitual possui vários significados, ou melhor, quando há uma relação cognitiva e semântica entre os possíveis significados de uma unidade terminológica, relação essa derivada, portanto, da presença de um conteúdo sêmico ou arquiessêmico comum — encontrados na terminologia do *reggae* ludovicense, destacamos:

➤ *roots* adj./s.m.

1. *Reggae* produzido, sobretudo, na Jamaica e em Londres, nas décadas de 60 e 70 do século XX, com banda e instrumentos à vera, cujas letras, em geral, abordam temas de relevância social, religião. [o que que faz a música <roots>?, o que que.. o que que realmente identifica a música como <roots>? A letra da música, o que ela fala. O <roots> fala da religião, da situação socioeconômica do país, do povo (...) esse é o <roots>, não é a velocidade da música, é a... o conteúdo da letra] (J. R. L./ can.; comp.; PM/ 2f); [as festas de <roots> reggae, só toca música... só <roots> mesmo, só reggae de banda mesmo, reggae, assim, de banda, assim, que eu falo é, assim, ó, reggae com equipamento mesmo, sem ser... sem ser o reggae eletrônico] (B. M. O./ dan./ 1f)
2. *Reggae* antigo produzido, sobretudo, na Jamaica, nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX, que marcou a primeira fase do *reggae* em São Luís. [um reggae muito antigo a gente também identifica como <roots>] (J. E. S/ dan./ 1f); [o pessoal utiliza

sempre o termo <roots> como se tratando a música produzida na... na Jamaica] (C. H. S. F. L./ des.; i.; PM/ 2f) 3. *Reggae*, em geral, de cadência lenta, no qual o som do contrabaixo se sobressai, ideal para dançar, em geral, a dois. [uma música mais <roots> pra dançar agarrado, agarradinho (...) é uma música que é pra dançar a dois, apesar de que, não só de dançar a dois, mais uma coisa mais romântica, mais leve, mais suave, mais cadenciado (...) uma cadência mais leve] (J. M. F. L./ DJ; i./ 2f); [o <roots> é um estilo que... que a maioria das pessoas confunde, <roots> com outro estilo, porque, o que que eles entendem por <roots>? Eles entendem por <roots>, a música lenta, né, quando a música é lenta, pra eles, eh..., pra maioria do povo, é <roots>] (J. R. L./ can.; comp.; PM/ 2f) 4. *Reggae* de estilo oposto ao do robozinho. [se ele é muito agitado, é a pegada robô, se ele é lento, é romântico, é a pegada <roots> (...) é o estilo do reggae, se ele é <roots> ou se ele é robô] (D. R. R. B./ dan./ 2f) 5. *Reggae* produzido no exterior, eletronicamente ou com banda e instrumentos à vera, que se opõe ao reggae produzido eletronicamente no Maranhão. [é uma música que nós chamamos de melô do amor, é um reggae produzido lá /na Europa/, que eles que chamam de eletrônico, aceitam como reggae <roots>, e pra eles, não é eletrônico, mas é um reggae que é eletrônico, produzido, praticamente, da mesma forma como o nosso reggae (...) eles aceitam esse reggae como o reggae <roots>, mas não querem aceitar o nosso reggae <roots>, com a mesma pegada, como um reggae <roots> (...) eles aceitam porque não é um maranhense que canta] (J. M. F. L./ DJ; i./ 2f).

Ver: robozinho

Var. T. (2f): retro

Var. Coc.: *reggae* de raiz, recordação, das antigas, *reggae in culture*, *reggae* velho, clássico, do vinil, da bolachinha, do fundo do baú, que marcou época, do arquivo, do arquivo secreto, do passado, raridade, barba branca, pra dançar agarradinho (3.), *reggae* de marcação (3.), pedra manhosa (3.) (SANTOS, 2009, p. 101-102).

No caso acima, constatamos que o fator tempo foi decisivo para a multiplicidade de significados atribuídos à unidade terminológica *roots* os quais sinalizam, entre outros, as mudanças que definiram as duas fases que constituem o *reggae* em São Luís, até o momento: a fase inicial (1970/1980/1990) e a fase atual (1990/2000). Mais especificamente, podemos dizer que a expressiva quantidade de significados, com traços conceituais comuns, atribuídos a *roots* marca a fase inicial do *reggae* em São Luís, já que evidencia a importância e a influência do *reggae* sobretudo jamaicano nessa fase e, conseqüentemente, a diferença da fase atual.

Também identificamos, na terminologia do *reggae* ludovicense, a ocorrência de casos de homonímia — ausência de qualquer conteúdo sêmico ou arquissêmico entre duas ou mais unidades terminológicas, as quais, conseqüentemente, pertencem a campos conceituais diferentes — a exemplo de *pedra*, nos campos conceituais *música* e *tratamento*.

➤ *pedra s.f.*

Reggae de destaque, de sucesso, que teve boa aceitação, bonito, impactante. [uma <pedra> é aquele reggae que, eu como DJ e como investidor, desde aquele... daquele primeiro momento que eu escutei, eu sei que vai ser sucesso, quando toca no salão é sucesso, todo mundo gosta, todo mundo dança (...) é um reggae bonito, uma aceitação muito grande] (J. M. F. L./ DJ; i./ 2f)

Var. T. (1f): banda, chicotada, chinelada, pedrada, murro, tijolo, tijolada cacetada

Var. T. (2f): panca, potência, torpeda

Var. Coc.: choque, paulada, pauleira, lapada, pancada, pancadão, varada, pedra preciosa,

pedra massa, pedra de resposta, pedra considerada, *hit*, clássico. (Santos 2009: 98).

➤ *pedra adj.*

1. Mulher bonita, interessante, atraente. [*há outros empregos (...) de <pedra>, que, isso aí, é muito, assim, no cotidiano mesmo, as pessoas, eh..., por exemplo, olham uma mulher bonita, 'ah, aquela menina, ali, é uma <pedra>'*] (C. H. S. F. L./ des.; i.; PM/ 2f) 2. Coisa boa. [*Rapaz, essa roupa... (...) esse tênis é <pedra >, gostei, gostei', entendeu (...) pra coisas boas... boas, de modo geral*] (C. H. S. F. L./ des.; i.; PM/ 2f) Var. Coc.: disco (1.), gata massa (1.), pancada (1.) (SANTOS, 2009, p. 110-111).

Pedra é uma unidade terminológica central, porque vital, na terminologia do *reggae* em São Luís, assim sendo, é compreensível que, inicialmente usada apenas para designar um *reggae* muito bom, com o tempo, tenha sido usada, também, para (re)conceitualizar outros elementos importantes nesse universo como, por exemplo, a *mulher*.

Nesta pesquisa, trabalhamos, ainda, com a hipótese de que a ocorrência/uso de variantes denominativas na terminologia regueira ludovicense está relacionada a *questões de discurso*, mais especificamente, ao *continuum de monitoração estilística*⁴ decorrente da maior/menor pressão comunicativa exercida pelas relações, papéis e atividades desempenhados pelos regueiros nos ambientes e situações de interação que vivenciam.

A monitoração estilística divide os usuários da terminologia regueira em dois grupos: um que, acreditamos, por estar, sobretudo em atividade, mais exposto publicamente, em razão de ocupar espaços de destaque nos meios de comunicação (rádio, TV, radiola), monitora mais seu uso, restringindo, assim, em quantidade e variedade, o uso de variantes — nesse grupo estão, em tese, os *DJs*, os apresentadores de programas de televisão e de rádio²; e outro que, por não ter a responsabilidade de estar à frente do público regueiro e de servir-lhe de referência, sobretudo em atividade, usa a terminologia regueira de forma semimonitorada ou não-monitorada e, portanto, mais espontânea, fazendo uso, conseqüentemente, não só de um número maior e mais diversificado de variantes, como, principalmente, de variantes estigmatizadas — nesse grupo estão, em tese, os demais segmentos regueiros selecionados: cantores⁶, colecionadores, dançarinos, empresários, investidores, radioleiros, produtores musicais, promotores de festas e de eventos.

Nesse sentido, é necessário esclarecermos que

Variante terminológica de discurso, [é] a que decorre da sintonia que se estabelece entre elaborador e usuários de textos mais formais ou menos formais, como parotidite epidêmica que é um termo específico do discurso científico, da área de medicina; junta de descarga, termo próprio do discurso técnico, da área de mecânica de automóveis; planta de proveta, termo próprio do discurso de vulgarização científica, da área de melhoramento genético de plantas. Esse tipo de variante ocorre no plano vertical do discurso de especialidade (FAULSTICH, 1997, p. 03-04). (grifos originais).

4 O *continuum de monitoração estilística* revela os estilos *monitorado*, *semimonitorado* e *não-monitorado* que estão condicionados, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 69): a) à acomodação do falante a seu interlocutor; b) ao apoio contextual na produção de enunciados; c) à complexidade cognitiva envolvida na produção linguística; d) à familiaridade do falante com a tarefa comunicativa que está sendo desenvolvida. Essas condições, de acordo com a autora, municiam o falante com recursos em diferentes graus, propiciando a adoção de um ou de outro estilo de monitoração.

5 Os segmentos do universo regueiro de São Luís que mais monitoram sua fala serão sinalizados com um sublinhado embaixo de suas abreviaturas ou siglas.

6 Como os cantores, quando estão expostos publicamente, em geral, apenas cantam, foram incluídos no grupo que semimonitora ou não-monitora o uso da terminologia regueira ludovicense.

É importante elucidarmos, ainda, que consideramos indispensáveis as contribuições de Bortoni-Ricardo (2005), sobre o *continuum de monitoração estilística*, para a análise da interferência do aumento/diminuição da pressão comunicativa na inibição, motivação ou permissão da ocorrência de certas variantes denominativas da terminologia do *reggae* ludovicense.

Dessa maneira, destacamos que a variante terminológica *boqueiro*⁷, mais do que qualquer outra ocorrência, nos permite confirmar nossa segunda hipótese, ou seja, que a ocorrência/uso de variantes denominativas na terminologia regueira ludovicense está, entre outros, relacionada a *questões de discurso*, mais especificamente, ao *continuum de monitoração estilística* decorrente da maior/menor pressão comunicativa exercida pelas relações, papéis e atividades desempenhados pelos regueiros nos ambientes e situações de interação que vivenciam.

Assim, atestamos que, em geral, os entrevistados pertencentes aos segmentos regueiros cujas atividades revelam a adoção do estilo semimonitorado ou do não-monitorado, por usarem, geralmente, a terminologia do *reggae* ludovicense de forma mais espontânea, usam preferencialmente a popular e estigmatizada variante *boqueiro* para se referir a um *investidor*:

E vem o item, princi... principal, que é um dos principais, também, o *boqueiro*, é o *boqueiro* que, em outra linguagem, *boqueiro* é o *boqueiro* que vende drogas, né, mas, aqui no *reggae*, também, tem o *boqueiro*, o *boqueiro* de *reggae* (...) o *boqueiro* é o cara..., é o seguinte, é o cara que fica carimbando músicas pra vender] (C. A. B. M./ can.; comp./ 2f).

Podemos afirmar que, notoriamente, esse entrevistado — um cantor em permanente contato com as pessoas que desempenham as funções de um *boqueiro*, já que essas pessoas são, atualmente, as principais responsáveis pela divulgação e pela venda das músicas que ele canta — vivencia, no diálogo do dia-a-dia com *boqueiros*, condições de uso típicas dos ESNM; razão por que usou, apenas e tão somente, a estigmatizada variante *boqueiro*. Vale lembrar que entre essas condições estão a acomodação do falante ao interlocutor, um grau mínimo de complexidade cognitiva envolvida na produção linguística, grande familiaridade do falante com a tarefa comunicativa que está sendo desenvolvida.

Um outro entrevistado, entretanto, ao iniciar sua fala sobre as atividades desempenhadas por um *investidor* no *reggae*, refere-se a essa pessoa, primeiro, como *boqueiro*; depois, na tentativa de acomodar-se a seu interlocutor naquele momento (uma pesquisadora desconhecida), estando envolvido numa atividade que requer um elevado grau de complexidade cognitiva na produção linguística (entrevista gravada em áudio), retoma sua fala e usa a partir de então a unidade terminológica *investidor*: “os *boqueiros* que..., ou *investidores* do *reggae*, né, porque é um termo mais... um termo... um termo mais aceito, os *investidores* de *reggae*” (D. R. R. B./ dan./ 2f).

Percebemos, assim, que os informantes mais expostos publicamente, sobretudo no exercício de suas atividades — *DJs*, apresentadores de programas de rádio e de TV — ou, na situação em questão, os que são *investidores*, geralmente evitam o uso da variante *boqueiro*:

Já recebeu um outro nome, *boqueiro*, mas a gente..., né, a gente já acabou com essa terminologia, e hoje ficou *investidor*, eu acho que, todo mundo... todo mundo gostou também. (J. M. F. L./ *DJ*; i./ 2f).

Eh... esse nome, *investidor*, na verdade, apesar de tá sendo utilizado, no momento, acredito não ser o nome mais adequado pra expressar, eh..., as atividades que são desenvolvidas por nós, mas foi uma forma de maquiagem, eh... de... de disfarçar um

⁷ *Boqueiro* é uma variante terminológica de *investidor* — negociante que paga pela produção, geralmente exclusiva, de um *reggae* e, lucra com a revenda dessa música a outras pessoas, em geral, após colocar vinhetas.

pouco, uma... um... um... uma expressão, que seria pior ainda, e que era pejorativa, (...) que era (inint.) a expressão de boqueiro. (C. H. S. F. L/ des; i; PM. 2f).

Pelo exposto, depreendemos que, de forma geral, os regueiros que estão mais expostos publicamente, sobretudo no exercício de suas atividades, ou seja, que exercem posições de liderança e de referência e que estão à frente da mídia do *reggae* ludovicense, não usam ou evitam usar certas variantes em determinados contextos de uso; empregando, sempre que submetidos às condições de uso do estilo monitorado, as unidades e/ou variantes terminológicas que não são estereotipadas.

Em contraposição, constatamos que os entrevistados cujos papéis e atividades exigem pouca ou nenhuma exposição pública, usam a terminologia regueira de forma semimonitorada ou não-monitorada e, portanto, mais espontânea. Tais informantes, conseqüentemente, fazem uso de um número maior e mais diversificado de variantes, inclusive e principalmente, de variantes estigmatizadas.

Conclusão

Nesta pesquisa, partindo do fato de que a linguagem do *reggae* em São Luís constitui uma terminologia — dotada de determinadas características temáticas, propósitos pragmáticos e condições específicas de uso para atender às necessidades sociointeracionais específicas dos regueiros da capital maranhense — constatamos, à luz dos fundamentos e orientações metodológicas da Socioterminologia, que a terminologia do *reggae* em São Luís é heterogênea, pois sujeita a variações decorrentes, principalmente, do tempo, ou mais especificamente, das diferentes fases do *reggae* em São Luís, bem como da interferência do aumento/diminuição da pressão comunicativa oriunda da diversidade de atividades, papéis e funções desempenhados no universo regueiro.

Outrossim, este estudo busca colaborar para a concretização de um dos principais objetivos do Projeto Tesouro — integrar, em uma única base de dados, materiais lexicográficos do universo galego-português, procedentes de diferentes fontes — contribuindo, assim, com os dados fornecidos sobre as particularidades lexicais do universo do *reggae* maranhense, tanto para a ampliação da base informatizada do Tesouro quanto para uma visibilidade de maior alcance dessa variedade maranhense, o que poderá desencadear, entre outros, estudos valiosos feitos a partir da comparação lexical entre diversas áreas.

Como a obra de Santos (2009) constitui uma das obras selecionadas para ser catalogada, e conseqüentemente, para fornecer dados para o banco de dados do Projeto Tesouro, após o cumprimento de todos os procedimentos de catalogação exigidos pelo Projeto, a obra de Santos (2009) que gerou este artigo, poderá apontar como possibilidade de estudo comparativo entre o português europeu, o português brasileiro e o galego, as semelhanças e/ou diferenças semânticas apresentadas nessas macrovariedades linguísticas considerando as unidades terminológicas que caracterizam o universo do *reggae* ludovicense, no Maranhão.

Assim, e considerando as heranças históricas, linguísticas e culturais compartilhadas pelos falantes do galego e do português, poderíamos comparar, entre essas macrovariedades, por exemplo, a lematização de pedra, para verificarmos se em alguma das obras catalogadas do Projeto, quer referente ao português europeu, ao português brasileiro ou ao galego, encontramos características semânticas semelhantes às que essa unidade terminológica possui dentro do universo de *reggae* maranhense. Não havendo semelhanças, seria importante demarcar as diferenças semânticas e correlacioná-las aos fatores sociais, culturais, geográficos e históricos que caracterizam essas macrovariedades.

Referências

Bortoni-Ricardo, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?: sociolingüística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

Faulstich, Enilde. Princípios formais e funcionais de variação em terminologia. *Seminário de Terminologia Teórica*, Barcelona, 1999. (http://lilla2.unice.fr/labo_fr/Coll&Ouv/Colloques/termino96/enilde.htm).

Faulstich, Enilde. *Variações terminológicas: princípios linguísticos de análise e método de recolha*. 1997. (http://lilla2.unice.fr/labo_fr/Coll&Ouv/Colloques/termino96/enilde.htm).

Faulstich, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, Brasília, vol. 24, n.º. 3, 281-288, set./dez, 1995.

Gaudin, François. *Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie*. Bruxelles: Duculot, 2003.

Santos, Georgiana Márcia Oliveira. *A terminologia do reggae ludovicense: uma abordagem socioterminológica*. 210f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, São Luís, 2009.

Santos, Georgiana Márcia Oliveira. A linguagem do reggae no Maranhão: um espaço de estereótipos e de preconceito linguístico. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo; ROCHA, Maria de Fátima Sopas; BEZERRA, José de Ribamar Mendes. (Orgs.). *A diversidade do português falado no Maranhão: o Atlas Linguístico do Maranhão em foco*. São Luís: Edufma, p. 2006, p. 68-79.